

Capítulo 1 – “Matriz tupi”
Gabriella Zanatta Ceccon
N USP 10730960

Uma identidade étnica ricamente diversificada tratada somente como vítima do colonialismo e nem sempre como figura responsável pela construção e configuração da cultura sincrética brasileira ao longo dos séculos: a *cultura indígena*. Embora tratados indignamente pelos europeus, mantidos em cativeiro e, conseqüentemente, destruído sua base de vida social e obrigados a renunciar seus valores, o povo brasileiro herdou um vasto e complexo arsenal de técnicas e costumes das tribos indígenas. Uma das ferramentas mais importantes e revolucionária que até hoje perdura na prática é a agricultura e, consigo, a capacidade de discernir as plantas selvagens das domésticas; os índios, autossuficientes, com toda sua flexibilidade e experiência, superavam qualquer tipo de carência alimentar, pois sabiam identificar tudo na natureza – o que era prejudicial ou não, venenoso ou não. E essa harmonia com a natureza, era o que para eles bastava: uma concepção singela, onde o luxo de se viver era usufruir de tudo que dispunha a natureza.

Sob o olhar capitalista europeu, no qual tudo subordinava ao lucro, os povos indígenas eram meros inúteis que viviam neste mundo como só lhes coubesse viver, no entanto, “para os índios, a vida era uma tranquila fruição da existência” (Ribeiro, 1995, p. 47) numa sociedade solidária. Havia lutas e guerras entre as tribos, mas derivadas de interações intertribais, caracterizadas por expedições guerreiras para capturar prisioneiros para rituais antropofágicos, que tinham como finalidade alcançar a glória e realizar festas, onde os costumes daquela *macroetnia* não se findavam e se preservavam através da comunhão entre os índios de uma tribo. Além disso, as guerras sucediam por disputas territoriais devido a condições melhores para agricultura e caça, ao contrário dos colonizadores, que tinham um único objetivo: dizimar seus costumes, devido uma superioridade étnica.